



# EUCLIDES DA CUNHA, O CONSELHEIRO E A PSIQUIATRIA

WALTER PINHEIRO GUERRA

---

*Partindo da rotulação de "paranóico", dada por Euclides da Cunha a Antônio Vicente Mendes Maciel, o "Antônio Conselheiro", o autor compara princípios de psiquiatria com as descrições do singular personagem contidas em "Os Sertões".*

---

**E**uclides da Cunha, ocupando-se de Antônio Vicente Mendes Maciel, com grande propriedade, rotulou-o como paranóico. Para esse diagnóstico, há que levar em conta o aspecto geral do indivíduo e o seu biótipo, como ressaltam os especialistas.

Mesmo porque, segundo a medicina psicossomática, que abrange o físico e o psiquismo do paciente, levam os psiquiatras a enquadrá-los, pelas suas características somáticas e psíquicas, a um dos biótipos a que possa adaptar-se.

A Psiquiatria partiu do princípio que as doenças mentais ocorrem, em sua variedade, em

determinados tipos constitucionais. Notando que havia diversidade de grupos de pacientes, entre si, Ernst Kretschmer, um dos pais da Biotipologia, concebeu 4 modelos fundamentais de biótipos: pícnicos, astênicos ou leptossômicos, atléticos e displásicos ou displásticos.

Quanto aos temperamentos, estabeleceu-se em ciclotímicos e esquizotímicos, sendo o primeiro, encontrado nos pícnicos e a esquizotimia, nos astênicos ou leptossômicos. Quanto aos atléticos, seu temperamento é o enequético. Os ciclotímicos são alegres, gozadores da vida, rapidamente fazem amizades e, pela sintonia afetiva, mostram-se sociáveis, extroverti-

dos, facilmente adaptáveis ao meio social em que vivem, o que os faz destacarem-se no ambiente em que atuam.

Já os esquizotímicos pendem mais para a seriedade e um certo ar de recolhimento. São reservados, introvertidos, com escassas reações afetivas. Apresentam dificuldades de relacionamento e são pouco sociáveis. Têm facilidade para escrever e discursar e costumam exercer um certo grau de fascinação entre as massas populares.

Doravante, ressaltaremos todos os termos que, de certa forma, fazem parte do quadro da paranóia que, ao que tudo indica, era o de Antônio Conselheiro. Convém lembrar a "fascinação" que ele chegou a exercer entre seu povo. Esse tipo de pessoas é dado a filosofar, com relativa facilidade, sendo capaz de liderar grupos, de que se tornam condutores. São frios, dados ao "fanatismo", inclusive o de "caráter religioso".

Segundo o professor J. A. Vallejo-Nagera, titular de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Madri, há que levar em conta a "biografia do enfermo", na qual se acha encravada a moléstia.

Esse psiquiatra espanhol aponta a necessidade de atender ao "significado biográfico" de seu padecimento. O aspecto geral do indivíduo e o seu biótipo são levados em grande conta pelos especialistas, mesmo porque, segundo a medicina psicossomática, que como vimos, abrange tanto o físico

como o psiquismo, faz com que o especialista procure enquadrar o paciente, pelas suas características somáticas e psicológicas, ou seja, em um dos biótipos a que possa adaptar-se.

Verificou-se que as doenças mentais ocorrem em sua variedade, em determinados tipos constitucionais. Em sanatórios para doentes mentais, Ernst Kretschmer, um dos pais da Biotipologia, observou que o aspecto geral de determinados grupos de pacientes diferia entre si. Notou, por exemplo, que num conjunto de esquizofrênicos, os indivíduos que o formavam eram do tipo retilíneo e alongado, ao passo que, no grupo de maníaco-depressivo, seus componentes eram de tórax avantajado.

Daí, concebeu os tipos fundamentais de biótipos, que já vimos. Dizem os psiquiatras que a paranóia é a doença clássica da Psiquiatria, com sua individualidade clínica bem definida e sem repercussão anátomo-patológica. É, antes, uma anomalia constitucional, não anatomicamente definível.

Consiste num quadro psicótico autônomo, caracterizado por um "delírio lúcido, evolutivo e sistemático", onde o delírio mantém-se coerente, complicando-se, aos poucos. Essa anomalia constitucional leva à deterioração da "estrutura mental", em particular, na "esfera mental", mais acentuadamente na esfera "crítico ideativa", que subordina os elementos da esfera afetiva, condicionando-a.

Lentamente, se dá o desaparecimento do "senso da realidade" que se torna cada vez mais acentuado. O doente "isola-se" progressivamente do ambiente que o circunda, para recolher-se ao seu falso castelo de cartas. Torna-se sujeito a "alucinações de todos os tipos", sobretudo "auditivas", quando julga "ouvir vozes" inexistentes. Seu discurso, é geralmente estereotipado. O delírio, por sua vez, relaciona-se com o hábito do indivíduo. Ora julga-se possuído pelo demônio, ou cai num "delírio místico", pelo qual julga-se dotado ou investido de missão particular, que lhe fora "outorgada por Deus".

Na fala e na escrita destes pacientes, se podem encontrar palavras novas, neologismos que exibem colorido simbólico, com o que mostram estreita relação. A linguagem, por vezes, demonstra alto grau de incoerência devido à "logorréia", e a riqueza de neologismos é de construção "insensata".

Há uma fase em que se torna "insociável", com tendência ao "isolamento" do meio social em que vive, "ocultando-se em seu reduto". Esta é a ocasião em que a doença atinge o seu fastígio. A isto é levado, por ver, através de sua mente doentia, uma conspiração do meio social de que participa, dirigida contra ele.

Quando não, pende para o "auto-isolamento" e pode reagir com violência. "Insurge-se contra a legalidade vigente" de forma

"monótona e insistente", com tendência a crescer e evoluir, a ponto de ir para o hospício.

Há os que, dentre os delírios, apresentam os de "grandeza, ambição", de caráter pseudo-científico, como de caráter "místico". Quando é o místico que predomina, idealizam e pregam uma nova ordem social ou uma "nova religião".

Em virtude de sua longa evolução, a moléstia permite a longevidade do paciente, podendo, então, juntar-se ao quadro clínico fatores novos, devido à arterioesclerose ou à senilidade. O Conselheiro viveu 69 anos.

A paranóia caracteriza-se por "idéias delirantes", porém, conservadas íntegras as demais funções psíquicas. O delírio costuma ser crônico e sistematizado. Não prejudica a memória, a inteligência, a lucidez de consciência, bem como a capacidade de juízo e raciocínio. O indivíduo apresenta-se aparentemente normal e de comportamento razoável. É como que "doente apenas de um setor do psiquismo", com normalidade do restante. Um paranóico grave pode assumir a aparência de psicologicamente normal aos seus interlocutores. Suas idéias delirantes são lógicas e racionais, porém, "absurdas".

Quatro são os principais tipos de delírio paranóico: de "perseguição", de "grandeza", "erótico" e de "justiça". O Conselheiro enquadrou-se em todos, menos no erótico, de que não há notícia.

Pelo "delírio de grandeza", o doente convence-se de que pertence à nobreza real, mesmo em país em que inexistente a realeza, ou nos que desapareceram, como é o caso do Brasil, conhecidas as fortes convicções monarquistas do Conselheiro.

Os paranóicos julgam-se "profetas" ou "enviados de Deus". São pessoas extremamente desconfiadas, sendo este um "selo típico da paranóia", permanecendo num eterno estado de alerta, contra alguma intenção maligna imaginária, que possa atingi-lo. Socialmente são "inadaptáveis", como conseqüência de sua atitude paranóica, não logrando estabelecer amizade com os demais que os cercam.

Como costuma incidir preferentemente em pessoas de inteligência média ou superior, isso lhes permite ocultar suas idéias delirantes.

A paranóia reativa uma das formas da doença, resulta de "vivências traumatizantes", em indivíduos predispostos ou possuidores de caráter paranóide. A doença costuma surgir na idade adulta sendo mais freqüente entre os homens. Seu aparecimento, tanto pode ser brusco como paulatino.

São pessoas "orgulhosas, intransigentes e desconfiadas". Sentem-se, sem motivo, "perseguidas, prejudicadas ou humilhadas". Há um tipo de delírio induzido, a que os autores franceses de outrora chamavam de "lou-

cura a dois". Trata-se de paranóicos que conseguem convencer "grupos de pessoas", geralmente de "escasso nível cultural" e de "grande sugestibilidade". Como há os "fanáticos e profetas", que costumam desencadear verdadeiras "psicoses coletivas", pelo contágio de seu delírio a um grande número de pessoas.

Ramon y Cajal, grande sábio espanhol do século passado, dedicado especialmente aos estudos de anatomia patológica do sistema nervoso, no que se destacou como nenhum outro, com seu talento, interessou-se igualmente pela Psiquiatria. Não obstante o tempo decorrido, muitas de suas observações persistem como válidas, em nossos dias, como testemunho de seu gênio.

Dava como capazes de determinar perturbações mentais, idéias religiosas "levadas ao extremo exagero", configurando alucinação mental, assim como certos acontecimentos políticos, como desencadeadores da loucura. Levava também em conta as "emoções", os "pesares", e a "irritação de ânimo". Isto se resume na "biografia do doente", de que nos fala seu patricio, o professor J.A. Vallejo-Nagera, a quem já nos referimos.

Lembra que as doenças mentais são mais freqüentes nas pessoas nervosas, com tendência para o misticismo, que em geral são "contemplativas" e "ensimesmadas". Ressalta que, em certas

"épocas críticas da vida", e o Conselheiro as teve, são mais comuns as psicopatias seguidas de "acontecimentos políticos", mudança de regime de Estado de grande repercussão, as "crises-econômico-financeiras", tanto "pessoais como generalizadas", podem concorrer para o aparecimento de alguns alienados...

Recorda que a viuvez e a vida celibatária, por falta de apoio ou arrimo moral de outra pessoa, podem exercer papel desencadeante. Porque, nesses casos, diz, trata-se de um modo de vida "egoístico" e "solitário" a que ficam sujeitos os viúvos, divorciados e celibatários.

Em relação ao passado de um doente mental, frisa que uma educação demasiado ríspida e severa, por parte dos pais, torna-se um terreno capaz de propiciar, no futuro, uma alienação mental. Também os "reveses da fortuna" têm influência desencadeante. Confirma que os estados de loucura, geralmente, vêm precedidos de "tristeza", mais ou menos acentuada que, em determinadas ocasiões chega a um verdadeiro estado de "melancolia". Alude às "alucinações auditivas", bem como à adoção de "vestimentas esquisitas", que fogem ao usual. São todos sinais evidentes de "transtornos mentais".

Na doença mental depressiva, os indivíduos ordinariamente são "taciturnos, concentrados, silenciosos e recolhidos em algum local isolado".

Suas feições são "contraídas" e deles se pode ouvir apenas "breves palavras". Quanto mais acentuada é a depressão, mais indiferentes se mostram ao mundo exterior.

Esquirol, notável psiquiatra francês, já notara que, por conta da "desnutrição" e das secreções, em alguns alienados se percebem alterações perfeitamente visíveis na pele. O tegumento cutâneo passa por processo de atrofia, tornando-se a pele "adelgada, seca e gretada", cheia de rachaduras. Ao que parece, no caso do Conselheiro, possivelmente tratar-se-ia, também, da pelagra, avitaminose que traz alterações cutâneas, como também a diarreia de que sofria nos últimos tempos.

Ocorre a perversão do "senso moral", sendo que, são todos de "vontade férrea" e, na procura de seus objetivos, não importam os meios que empregam para alcançá-los. A muitos deles deixa de existir o freio oposto pela família e a sociedade, podendo mesmo descambar para a "delinqüência".

Aí está delineado o extenso quadro da paranóia, em que se pode, de certa forma, emoldurar a personalidade de Antônio Conselheiro. Falta, agora, consultar o texto de Euclides da Cunha que, com segurança, formulou o diagnóstico com que rotulou o Conselheiro. Para essa análise, servimo-nos da "Antologia Euclidiana". de Paulo Dantas e col., Ed. Pioneira Ltda. São Paulo — 1987

— pela sua praticabilidade na consulta. À pág. 41, surge o capítulo "Antônio Conselheiro — Roteiro e Via Sacra". No texto, Euclides começa por incluí-lo numa modalidade de "psicose depressiva", para, logo depois, referir-se ao "espírito tonturante de reveses", de que o Conselheiro foi vítima, como sabemos. A perda da mulher e da fortuna, como assinalam os psiquiatras, podem levar à loucura.

Não passou despercebido do autor, de igual modo, a influência do meio em que viveu o personagem e as suas circunstâncias. Meio, por sinal, que permitiu ao Conselheiro a exteriorização de sua "vesânia", como quer Euclides da Cunha. Com propriedade, chamou-o de "paranóico indiferente", avançando que esse diagnóstico não lhe possa ser "ajustado por inteiro". Vimos, no decorrer destes descritos, que Antônio Conselheiro, ao contrário do que julgou o genial escritor, "ajustou-se" por inteiro ao quadro de paranóia. Atribui-lhe a condição de "emissário das alturas". E um dos delírios a que estão sujeitos os paranóicos, um deles, é o do "misticismo religioso". Mantinha uma "idéja fixa" mas lúcida em todos os atos", porquanto essa alucinação mental não atinge a lucidez do espírito, bem como outras atividades da mente, como a inteligência, o juízo e a consciência.

Refere-se ainda o escritor-engenheiro à "psicose mística" do indivíduo de que estamos tratando, assim como, à "rebeldia

franca" contra a ordem natural.

Sabe-se que o Conselheiro rebelou-se contra as disposições legais impostas pelo regime republicano, tais como o casamento civil, o serviço militar, a moeda circulante e a expedição de editais para conhecimento público. Fala depois, da "rígida disciplina" que caracterizava o velho Mendes Maciel, homem de natural, "rípido e severo". Tanto que o filho foi um adolescente "tranquilo e tímido, retraído, avesso a troças", o que, evidentemente não é o comum, nessa quadra da existência.

Os psiquiatras alertam para a maneira inadequada com que são educadas muitas crianças, com graves repercussões para o futuro, em alguns casos. Falecido o pai, Antônio Maciel prosseguiu na mesma vida corretíssima e calma. Num casamento infeliz, ocasionado pelo mau comportamento da companheira, perturbou-se, adicionando-se "à tremenda tara hereditária".

Torna-se difícil, no presente caso, apurar o papel da hereditariedade por falta de elementos, a não ser a excessiva rispidez e severidade do genitor. Porém, o casamento mal sucedido foi a gota d'água para que surgisse a perturbação mental, em terreno já predisposto. A partir daí, denota-se "uma transformação de caráter" e a "perda de hábitos sedentários", para o que demonstrava propensão.

Como agravante da situação, sobreveio a perda dos bens herda-

dos do pai. Começa, desse ponto, a sua "Via Sacra", perambulando pelos sertões do nordeste. No decorrer desse período, chegou a exercer as funções de Juiz de Paz em Campo Grande, e a de solicitador, junto ao Fórum de Ipu, devido aos seus conhecimentos adquiridos nas escolas que freqüentara, onde, inclusive, estudou Latim. Suas prédicas vinham, vez por outra, ilustradas com citações latinas. Nesta última localidade, consumou-se a tragédia, com a fuga da mulher, levada por um policial. Passou, então, a andar no calço dos fugitivos, sem que conseguisse encontrá-los.

Piorou a sua situação, ao mesmo tempo em que alterava-se sua mente, por conta do violento "impacto emocional", acrescido da inexistência de "bens de fortuna", ferido por ambas as situações. Qual judeu errante, peregrinou de lugar em lugar. Erguia capelas ou remendava cemitérios deteriorados, a isto induzido pelo seu misticismo religioso.

Em Paus Brancos, próximo a Crato, feriu, "com ímpeto alucinado", um parente que o hospedara. Foi uma manifestação de "agressividade", por conta da paranóia. Transpirando a inopinada e provavelmente injustificada agressão a um parente, chegou o caso ao conhecimento da polícia.

Para sua sorte, a vítima não fez carga, como o que "salvou-se da prisão". Sorte, realmente, porquanto os autores anotam que a

perturbação mental costuma agravar-se, no caso de prisão celular compulsória. Em que pese a tendência ao isolamento, os paranóicos, quando detidos, reagem agredindo, ou, quando não, piorando sensivelmente seu mal.

Em seguida a esse incidente, eis que o Conselheiro toma, finalmente, o rumo da Bahia, onde findaria sua existência, "o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até os ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante... dentro de um hábito azul de brim americano... surgira".

Esta, a magnífica descrição do Conselheiro, que nos dá Euclides da Cunha. Estampam-se, desde logo, as mudanças por que passara, a atestar a insânia que o apossara. O descuido na aparência pessoal, a estranha vestimenta que envergava, enfim, o todo do bizarro personagem dado a profeta, em que se tornara, correndo tudo, por conta do "delírio místico" a que se entregara. Só este debuxo elaborado por Euclides da Cunha e, mais um ou outro elemento, seria suficiente para que, não só um psiquiatra ou um leigo inteligente e esclarecido, convencer-se de que estava se defrontando com um psicopata.

Sem o desejar, começara, desde então, pela sua exótica aparência de beato e "já impressionava vivamente a imaginação dos sertanejos". Praticava em "frases breves e raros monossílabos", outra característica dos paranóicos.

Precocemente envelhecido,

com "pouco mais de trinta anos ...esquálido e encerrado dentro de seu hábito escorrido... mudo como uma sombra... domina-os por fim, sem o querer". Vimos, linhas atrás, que em indivíduos de temperamento esquizotímico, como o do Conselheiro, além de outras coisas, exercem "fascínio" sobre pessoas ingênuas e de escassa cultura. Era o complemento que lhe faltava, para que, imbuído de misticismo doentio, se proclamasse um enviado ao alto.

Aos poucos, crescia a população que o acompanhava em suas andanças sem rumo. "Agravando-lhe, talvez, o temperamento delirante, deparou-se-lhe o ambiente propício ao germinar do próprio desvario". A "sua insânia estava, ali, exteriorizada". "O evangelizador surgira, monstruoso mas automático." A mutação dos gestos e atitudes estereotipadas é outra das características desse tipo de doente mental. Em suas caminhadas em Sergipe, procurava "os pousos solitários". Veja-se, aí, a inclinação ao "isolamento", outro dos sinais da doença.

Vem agora, mais uma notável anotação de Euclides da Cunha na condição de leigo culto e inteligente. "A epiderme seca rugava-se-lhe como uma couraça amolgada e rota, sobre a carne morta." No texto, fizemos alusão a esse particular. O eminente psiquiatra Esquirol, verificara a alteração do tegumento cutâneo nos paranóicos, devido, sobretudo, à desnutrição.

Aumentando o seu prestígio perante a multidão, "fazia-se autoridade única". Vimos também a propensão dos esquizóides à atração e liderança que costumam exercer, frente ao seu grupo. Ao referir-se às prédicas de Antônio Conselheiro, diz Euclides da Cunha, que ele usava "uma oratória bárbara e arrepiadora, feita de excertos truncados das Horas Marianas, desconexa, obstrusa, agravada, às vezes, pela ousadia das citações latinas, transcorrendo as frases sacudidas, misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e das profecias esdrúxulas".

Quem se der ao trabalho de ler o livro do professor Ataliba Nogueira, "Antônio Conselheiro e Canudos" (Comp. Ed. Nac. — São Paulo — 1974) verificará o quanto aquele mestre do Direito exalta, de maneira extremada, a figura e obra de Antônio Vicente Mendes Maciel. Constatará, ao mesmo tempo, o quanto é cacete e monótona a escrita e por certo, também, a fala do Conselheiro.

Segundo os autores, o discurso do paranóico é geralmente estereotipado. Quando não, empregam neologismos, o que é frequente entre esses doentes. Servem-se de um colorido simbólico, em estreita correlação com a linguagem. Esta, por sua vez, pode surgir "incoerente", de "construção insensata" e com características de "logorréia".

Ademais, expôs-se o Conse-

lheiro à "ousadia de citações latinas". Eram como que pérolas atiradas aos porcos, pois a contrita assembléia, nada entendia de sua algaravia. A menos que, pelo "delírio de grandeza", objetivasse impressionar aos ignaros que, cabisbaixos, ouviam-no.

Diz Euclides da Cunha que, em suas prédicas e em seus escritos, baseava-se, por igual, na publicação "Horas Marianas", se bem que o derramado oradornão se separasse de outra obra, a "Missão Abreviada", ambas, carregadas no surrão de couro, com que varava as distâncias, em "passo tardo".

Ataliba Nogueira (ob. cit.), que escreve sobre o assunto, confrontou-as com "os pobres papéis", como Euclides da Cunha nomeou os escritos do Conselheiro, descobrindo que havia outra fonte de consulta e inspiração, "Práticas Mandamentais", de Frei José Manoel Gonçalves Castro, todos esses breviários, editados em Portugal. Em certa altura de seus indigestos escritos, à pág. 175 do livro de Ataliba Nogueira, há um capítulo denominado "Sobre a República". Em sua linguagem empolada e impregnada de um misticismo primitivo e ingênuo, ele desanca o pau sobre o novo regime.

Considera-o nocivo para a Nação, em sua visão distorcida pela mente doentia, através da qual, via na República uma ameaça à religião, atrelada ao governo do Império. Chega a citar D. Pedro

III, esquecido de que a Princesa Isabel era a herdeira do trono. Quanto ao casamento civil em vigor, para ele, padecia de nulidade, perante a Igreja.

Incoerentemente, na ausência de padres regulares, que antes celebravam os casamentos religiosos, permitia que o amor livre campeasse em seu reduto, que descambava para a licenciiosidade, a que fechava os castos olhos.

Pessoalmente, levou a castidade ao último extremo, demonstrando horror patológico às mulheres. Como, a propósito, frisou muito bem Euclides da Cunha, talvez fosse causada por "remanescentes das desditas conjugais" de seu conhecimento, e de que fora vítima. Às beatas que o cercavam, falava virado de costas, sem encará-las. Também o jejum, levado às últimas conseqüências, entrara em sua prática, limitada a alimentação, como se propalava, a "um pires de farinha".

Não era de admirar que a desnutrição dele se apossasse, com todos os seus inconvenientes. Sua fama de santidade avolumava-se, dia-a-dia, com repercussão até às cidades litorâneas, naturalmente avantajadas e distorcidas pela credulidade bronca das gentes simples.

Foram 25 anos de pregações ininterruptas por todo o Nordeste, até que se fixasse na sua "Jerusalém de taipa". Assinala Euclides da Cunha que o seu profetismo se alastrara, com suas falas comple-

tamente ilógicas, insensatas, como se pode depreender da leitura do que nos deixou o Conselheiro.

Muita gente estranhou que, tendo em mãos o que denominou "pobres papéis", Euclides não houvesse demonstrado por eles maior interesse. Como poderia o estilista da língua impressionar-se por escritos tão "pobres e insignificantes"?

A tal ponto chegaram os delírios do Conselheiro, como o de "perseguição" e de "grandeza", que arremeteu contra os editais afixados nas sedes municipais, reduzindo-os a cinzas. Sua missão "perversa... ia avultando na imaginação popular".

Já não era mais a "loucura a dois", dos antigos psiquiatras franceses, mas loucura coletiva, a atingir milhares de pessoas, dentro e fora de seus extensos domínios espirituais. Todavia, apesar de tudo, Euclides da Cunha viu nele uma utilidade, ao cognominá-lo como "velho arquiteto de igrejas". Em relação ao novo templo erguido no povoado, refere-se à sua "fachada estupenda", embora de estilo confuso, "informe e brutal", como a retratar a "própria desordem do espírito delirante" contudo em seu "cérebro enfermo".

Quando assomava perante o povo, à hora das prédicas, "revestido na longa camisa de algodão... escorrida pelo corpo alquebrado... fronte abatida e olhos baixos... quedava imóvel e mudo... erguia a face macilenta... de súbito ilumi-

nada por olhar fulgurante e fixo".

Encontramos em mais esta nota e significativa descrição, de Euclides da Cunha sobre o Conselheiro, que, neste relance, como em outros que nos legou, surgem-nos, desde logo, vários dos sinais que conduzem ao diagnóstico que lhe atribuiu, adequadamente, o brilhante escritor fluminense.

À "abstinência costumeira" e o organismo combalido de emoções violentas, dobrou-se, por elas ferido. Morreria o Conselheiro. Encontrou-o Antônio Beatinho, um fiel camareiro e porta-voz. Ninguém dera conta de sua ausência, afora os mais chegados, que ocultaram a funesta notícia. A maioria, empenhava-se na derradeira defesa do reduto do Belo Monte.

Cessada a luta, encontrou-se numa cova rasa, o corpo do Conselheiro, o eremita, em avançada decomposição, pois morrera há 15 dias atrás. "Rosto tumefacto e esquelético", era o maior troféu naquela guerra intensa e de tão poucos resultados. Confabulamos autoridades, decidindo-se pela degola do morio, a fim de preservar sua cabeça para submetê-la a estudos antropológicos...

Era propósito, igualmente, expô-la publicamente, para que não restassem dúvidas de que fora "extinto aquele terrívelíssimo antagonista" e inimigo da Pátria! Esperava-se, segundo Euclides da Cunha, que a "ciência dissesse a última palavra", pois, "ali estava, no relevo das circunvoluções ex-

pressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura”.

Aguardava-se que o professor Raimundo Nina Rodrigues, titular de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia, examinasse o crânio do lendário Antônio Conselheiro e desse o seu veredicto quanto ao crime ou à loucura de que o Conselheiro seria ao mesmo tempo, autor e vítima. Ledo engano! Predominava, na época, a escola do criminalista César Lombroso, defensor da antologia criminal. Segundo suas teorias, o exame do crânio de um indivíduo, por determinados parâmetros, poderia demonstrar indícios de tendência à criminalidade ou à loucura, esta, levando à delinquência.

O professor Nina Rodrigues nada encontrou que lhe chamasse a atenção. Era um crânio como outro qualquer. Quanto à inspeção do relevo das circunvoluções cerebrais, tal como esperavam Euclides da Cunha e o mundo científico de então, de sua parte, muito pouco poderia alimentar as esperanças repousando no exame macroscópico.

Vislumbrar indícios de alienação mental, era impraticável. Alterações visíveis nessas condições são muito poucas e não condiziriam com o que se sabia do Conselheiro. As doenças mentais, praticamente, não deixam sequelas cerebrais visíveis a olho nu. Só o exame anatomo-patológico, ao microscópico, poderia acusar algu-

mas possíveis alterações no tecido nervoso.

Sendo muitas das moléstias mentais de natureza funcional, ou seja, de alterações da fisiologia normal do cérebro, não costuma deixar traços de sua presença. A ciência de nossos dias dá, ainda, os primeiros passos na descoberta do que se passa na intimidade do nosso cérebro, à custa de delicados e sofisticados aparelhos e técnicas, no estudo da biologia celular, inclusive dos neurônios.

De outro lado, segundo consta do Capítulo IV — Reflexão Ponderada — pág. 107, do livro de Walnice Nogueira Galvão — “No Calor da Hora” — Ed. Ática — S. Paulo — 1977, diz que “estava a peça envolta em cal e cloreto de cal... extraída toda a massa encefálica... substituída por cal”. Como examinar o que não existia, consoante o relato de jornalista, que cobriu o episódio de Canudos?

Restaria, apenas, a parte óssea — o crânio, cuja inspeção externa quase nada poderia informar quanto ao que se pretendia.

A partir da década de 70, alguns cientistas começaram a levantar o véu que recobre as funções cerebrais em sua intimidade mais profunda. Nosso cérebro é composto por cerca de 100 bilhões de neurônios, que respondem pela sua função.

Identificaram-se os neurotransmissores e os neuro-receptores, em parte responsáveis pelo seu funcionamento. Os primeiros são agentes

químicos cujo papel é o de estabelecer as intercomunicações entre os neurônios, e da distribuição dos sinais elétricos aos neuro-receptores.

Devido a uma disfunção, os neuro-receptores podem originar excesso ou escassez de determinados elementos fundamentais ao bom funcionamento cerebral. O neurotransmissor da dopamina, por exemplo, pode colocá-la em excesso na circulação, ocasionando a esquizofrenia ou, pela sua escassez, o Mal de Parkinson ou a depressão maníaco-depressiva. Os neurotransmissores são os responsáveis pelo pensamento, as emoções, a fala e o comportamento. Tais avanços foram em parte alcançados, com o surgimento do Tomógrafo de Ressonância Magnética, que permite visualizar o cérebro em plena função.

Todavia, nem todas as alterações da fisiologia cerebral são devidas a erros metabólicos. Destarte, não se pode denominar propriamente como doença mental, o que é resultado de uma disfunção apenas de caráter metabólico.

Através da engenharia genética, descobriram-se algumas alterações cromossômicas, que podem passar de pais para filhos, e assim sucessivamente. Da mesma forma descobriu-se que a glândula pineal, cujo papel até há pouco era obscuro na fisiologia cerebral, pode, quando submetida a radiações que simulam a infravermelha do sol, aumentar a distri-

buição de neurotransmissores antidepressivos, contra a Depressão Maníaco Depressiva.

Em 1975, foi detectada a primeira substância analgésica natural, elaborada no próprio cérebro. Sua constituição química lembra a da morfina, hoje conhecida como endorfina. Constatam-se assim, os avantajados progressos alcançados pelas pesquisas e a tecnologia modernas.

Consta que o Conselheiro formulara duas profecias quanto ao final de Canudos: seria exterminada pelo fogo, ou se transformaria num mar. Com efeito, a 1.º de outubro, quando o vilarejo agonizava, iniciou-se o bombardeio com dinamite, do que restara do antigo Belo Monte.

A partir de 1870, o rio Vaza-Barris foi represado, formando o açude de Cocorobó. A represa, construída pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, terminou em 1982. Com toda a sua "santidade" e dons proféticos, o Conselheiro não vaticinou o inglório trivial e, até pouco tempo, desconhecido destino de sua cabeça. Fora decepada e conduzida a Salvador pelo doutorando João de Souza Pondé, um dos poucos que apresentava condições de certificar que o cadáver encontrado no "Santuário", no dia 6 de outubro de 1897, era o do famoso here-siarca.

Era, realmente, do Conselheiro. Destinava-se a peça anatômica a estudos de Antropologia e Médico-Legais, aos cuidados da

Professora Nina Rodrigues, titular de Medicina Legal da antiga Faculdade da Bahia. Concluído o exame que não confirmou as suspeitas levantadas, foi o indesejável troféu recolhido ao Gabinete de Medicina Legal. Todavia, no dia 2 de março de 1905, irrompeu extenso e violento incêndio no vetusto prédio do Terreiro de Jesus, onde fora a antiga Faculdade de Medicina.

Entre outras dependências e avultados prejuízos, foi atingido o Museu de Medicina Legal, que abrigava a cabeça do "terribilíssimo antagonista" que atendia pela alcunha de Conselheiro. O informe consta de xerox cedido pelo ilustre General Francisco de Paula e Azevedo Pondé, de uma carta de Afrânio Peixoto ao Dr. Edísio Pondé, membro de tradicional família baiana.

Um jornalista de a "Folha de S. Paulo", que há poucos anos foi à região de Canudos, dá outra versão que não condiz com a primeira, por todos os motivos, fidedigna. Consoante esse repórter, o crânio que encerrava o cérebro tresloucado, teria sido atirado ao mar, num saco contendo pedras.

Consumou-se a previsão do Conselheiro, quanto ao desaparecimento do arraial pelos dois elementos da Natureza: a água e o fogo. No que tange à cabeça do "beato de Quixeramobim", consumiu-se pelo fogo, no valioso e pouco conhecido relato de Afrânio Peixoto, como em parte aconteceu no arraial de sua fundação e triste memória. De outro lado, segundo consta do Capítulo IV, "Reflexão Ponderada", pág. 107 do livro de Walnice Nogueira Galvão, "No Calor da Hora" — Ed. Ática — S. Paulo — 1977, diz que "estava a peça envolvida em cal e cloreto de cal... extraída toda a massa encefálica... substituída por cal".

Como examinar o que não mais existia, consoante o relato do jornalista, que cobriu a expedição a Canudos? Aí está delineado, linhas atrás, o extenso quadro em que se poderia enquadrar a personalidade de Antônio Conselheiro, o qual, indo para a história, como poderia ter ido para o hospício, tornou-se "um grande homem pelo avesso", que "cresceu tanto, que se projetou na história".

WALTER PINHEIRO GUERRA é sócio correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) em S. Paulo.